

DICOTOMIAS TRADUTÓRIAS E A PERSPECTIVA INTERCULTURAL

Gisele Tyba Mayrink Redondo Orgado*

RESUMO: O objetivo deste trabalho é discorrer sobre elementos básicos e fundamentais, em formas dicotômicas, envolvidos em um processo tradutório, estabelecendo relações entre a tradução propriamente dita e a interculturalidade. Para tal, será considerada a importância de diversos fatores semanticamente externos à língua em si, que devem ser levados em consideração ao se propor uma comunicação entre idiomas distintos, por se tratarem de características próprias de cada cultura. Neste percurso tradutório, dentre os diversos contratempos com que se deparam os tradutores, tomar-se-á como exemplo a tradução de metáforas, recurso que demanda especial atenção, devido à sua complexidade linguística.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução. Dicotomia. Cultura.

ABSTRACT: The objective of this essay is to confer about basic and fundamental elements, in dichotomised forms, involved on the translation process, establishing relations between interculturality and the translation 'per se'. For that purpose, several semantic factors foreign to the language itself but singular to each culture are regarded as essential, and should, therefore, be taken into consideration when proposing a communication between distinct idioms. In this translation process, from amongst the several perils faced by translators, the example discussed will be the translation of metaphors, a resource that demands special attention given its linguistic complexity.

KEYWORDS: Translation. Dichotomy. Culture.

BREVE APANHADO SOBRE TRADUÇÃO

Em uma abordagem sucinta, pode-se dizer que a tradução propriamente dita tem sido tema de diversos estudos por sua complexidade intrínseca. Problemas relacionados à tradução remontam à antiguidade. A prática da tradução já era alvo de análises por Cícero e Horácio (séc. I a.C.) e por S. Jerônimo (séc. IV d.C.), sendo que, deste último, cabe pôr em foco o fato de que a tradução da Bíblia, do Grego para o Latim, viria a influenciar profundamente as abordagens acerca da tradução. Entretanto, foi a partir do século passado, notadamente na década de 70, que emergiram os então denominados por James Holmes, Estudos da Tradução¹ (ET),

* Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC

¹ O termo "Estudos da Tradução" foi instituído por James Holmes em um congresso de Linguística Aplicada, em Estocolmo, no ano de 1972, a fim de criar uma definição específica para as investigações científicas dentro dos campos da tradução. Publicado somente em 1988, sob o título *The name and nature of Translation Studies*, este trabalho é hoje

que desde então, estão em constante processo de reflexão, pesquisa e debate.

Se compararmos as questões que afligiam os antigos tradutores com aquelas que enfrentam os tradutores dos dias atuais, talvez seja possível perceber que, apesar do distanciamento histórico e temporal, todos parecem almejar objetivo similar, ou seja: desobstruir a comunicação entre emissor e receptor. Obstrução essa que, segundo Francis Henrik Aubert, “possa ser atribuída a interferências provocadas pela variação linguística” (1994, *apud* OLIVEIRA, 2008, p.20).

Compreender o que “o outro” pronuncia corresponde a partilhar um universo de sentidos. Partilha proporcionada na, e pela linguagem e pela língua, respectivamente, enquanto capacidade e manifestação. A linguagem, nesta ótica, passa a constituir o meio pelo qual o ser humano encontra vias para a compreensão de seu mundo, considerando, ainda, que qualquer ato de compreensão traz consigo o ato da interpretação, que, de acordo com o filósofo alemão Hans-Georg Gadamer, caracteriza uma tradução, pois “toda tradução é interpretação” (1997 *apud* PAGANINE, 2006, p.2).

A afirmação de Gadamer, acima, é corroborada por George Steiner, em sua obra *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução* (2005), na qual anuncia já no primeiro capítulo, “A compreensão como tradução”, situando a comunicação como tradução, pois os humanos a realizariam no sentido completo da palavra, sempre que recebem uma mensagem emitida por um semelhante. Para Steiner, embora soe como “lugar comum” no escopo deste trabalho, “a tradução é necessária em razão dos seres humanos falarem diferentes línguas” (2005, p.77).

Em uma perspectiva bastante simplificada, o leigo pode, por vezes, supor que traduzir é um processo mecânico, no qual o tradutor, experiente em ambas as línguas, simplesmente deve substituir palavras e expressões da Língua Fonte (LF), por equivalentes na Língua Alvo (LA). Todavia, aqueles que, de alguma forma, estão, ou em algum momento estiveram, envolvidos com este tipo de trabalho, sabem que traduzir não se limita a tal processo de substituições lineares de palavras ou sequências delas. A tradução engloba, necessariamente, aspectos relevantes a serem sempre considerados, tais como as diferenças culturais e linguísticas que interferem decisivamente nas composições de sentido.

Umberto Eco, em *Quase a Mesma Coisa* (2007), afirma que traduzir é estar em constante negociação com o texto de partida, mas também com o texto de chegada, pois a tradução seria o produto resultante da convergência de orientações provenientes de diversos pólos. Ou seja, as escolhas vão muito além de equivalências gramaticais. Traduzir requer leitura,

considerado pela comunidade acadêmica como texto pioneiro desta área de conhecimento (HOLMES, 1988).

interpretação. Em síntese máxima: traduzir equivale a realizar a exegese do texto, em sentido amplo.

Quando se trata de literatura, há uma série de importantes decisões a serem tomadas. A começar pelo tipo de signo linguístico que podemos ter como foco de estudo. Dentre os tipos de interpretação possíveis para um signo verbal dentro do contexto da tradução, Roman Jakobson, em *Linguística e Comunicação* (1969) distingue três abordagens distintas, que são: a tradução intralingual (*reformulação*) – que consiste na interpretação de signos verbais por meio de outros signos de uma mesma língua; a tradução interlingual (*tradução propriamente dita*) – que seria a interpretação dos signos verbais de uma língua por meio de alguma outra língua distinta; e a tradução inter-semiótica (*transmutação*) – caracterizada pela interpretação dos signos verbais por meio de sistemas de signos não-verbais.

Apesar de a metáfora ser um fenômeno que pode ser destacado nas investigações de caráter intralinguístico, as bases consideradas para este estudo são de natureza interlinguística, visto que abordará questões de interpretação implicando mais de uma língua, em específico, a tradução da metáfora de uma língua para outra. Em ambos os casos, isto é, seja no estudo intralinguístico, seja na investigação de caráter interlinguístico, o tradutor é convidado a mergulhar na questão da composição do sentido que a metáfora propõe.

DICOTOMIAS DA TRADUÇÃO

Assuntos relacionados aos Estudos da Tradução (ET) apresentam, muitas vezes, grande quantidade de particularidades, que são fontes de elementos de reflexão para o tradutor. Apesar das amplas discussões sobre a tradução remontarem há mais de dois mil anos, como já afirmado anteriormente, e não obstante a quantidade de obras relacionadas à tradução, a miscelânea de idéias originais e significativas ainda parece ser muito limitada se confrontada ao imenso número de aspectos que envolvem a Tradução enquanto disciplina científica. Os acordos e desacordos sobre a natureza da tradução têm sido praticamente os mesmos (STEINER, 2005).

As dicotomias que permeiam os ET vêm desde a época de Cícero, como, por exemplo, a questão "*palavra vs. sentido*", que tem marcado a teoria tradicional da tradução. Caminhando paralelamente, e expressas em pares opostos, questionam-se também a "*fidelidade vs. liberdade*", e ainda a "*tradução voltada para a fonte vs. tradução voltada para o alvo*".

Sobre o embate *palavra X sentido*, Antoine Berman, em *A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo* (2007), defende uma tradução que dá abrigo ao *estrangeiro*, ou seja, que mantém, em sua essência, escolhas feitas pelo autor no original, deixando claro que se trata de uma tradução, ainda que, para isso, o tradutor opte por manter palavras que poderiam ser substituídas

por outras, mas que, deste modo, acarretariam uma naturalização do texto. Ele prioriza mais a *letra* – figuras de linguagem, metáforas, antíteses, etc. – , que o sentido em si. Entenda-se por *letra*, não somente a palavra, mas a poeticidade, o ritmo, as aliterações, as “cores” que a acompanham.

Para Berman, uma tradução literária não seria uma adoção restrita de palavras do texto a ser traduzido, e sim um ajuste dos idiomas envolvidos, respeitando-se ambos, sem que isso violasse a estrutura do alvo, mas de modo que a origem pudesse ser percebida. Em sua obra, o mesmo autor menciona o mal-entendido comum ocasionado pela expressão “tradução literal”, que normalmente é confundida com o ato de se traduzir “palavra-por-palavra”. Em situações específicas as duas opções parecem mesmo se confundir, como no caso de alguns exemplos citados por ele, na tradução de provérbios – que podem, de certa maneira, ser comparados às metáforas, pois apresentam particularidades que tendem a transcender barreiras culturais. Os provérbios de uma língua possuem, muitas vezes, equivalentes em outra língua. Algumas metáforas, de modo semelhante, são tão amplamente difundidas que emergem em diversas línguas. Outras, no entanto, apesar de sua similaridade, possuem significados completamente distintos.

Face a esta especificidade, Berman acredita que se deva jogar com a tradução, mas respeitando-se o que está além das palavras,

Desta forma, frente a um provérbio estrangeiro, o tradutor encontra-se numa encruzilhada: ou busca seu suposto equivalente, ou o traduz “literalmente”, “palavra por palavra”. É preciso também traduzir o seu ritmo, o seu comprimento (ou sua concisão), suas eventuais aliterações, etc. Pois um provérbio é uma forma. [...] (2007, p.16)

De acordo com este exemplo, se o provérbio – ou metáfora – fosse substituído por um outro equivalente na língua de chegada, atingiria o objetivo de transmitir sua mensagem, mas a tradução propriamente dita poderia passar despercebida ao leitor, causando a impressão de se estar lendo um original em sua própria língua. Em contrapartida, se a tradução fosse feita palavra por palavra, ainda que sua “forma” fosse perdida, seu sentido seria mantido, passando ao leitor o referido “estranhamento”, ou seja, permitiria ao leitor saber que seu texto trata-se de uma tradução, e não de um texto original.

O autor segue explicando o porquê da importância de uma reflexão profunda acerca da problemática da equivalência:

O caso dos provérbios pode parecer insignificante, mas é altamente simbólico. Ele revela toda a problemática da equivalência. Pois procurar equivalentes, não significa apenas estabelecer um sentido invariante, uma idealidade que

se expressaria nos diferentes provérbios de língua a língua. Significa recusar introduzir na língua para a qual se traduz a "estranheza" do provérbio original [...] (ibid, p.17)

Tal *estranheza* a que se refere o autor é o que, normalmente, os tradutores têm por costume apagar. Para a maioria deles, "a tradução é uma transmissão de sentido que, ao mesmo tempo, deve tornar este sentido *mais claro*, limpá-los das obscuridades inerentes à estranheza da língua estrangeira" (*loc. cit.*).

Retomando as dicotomias citadas anteriormente, outra que gera grandes discussões entre os estudiosos da tradução é sobre a oposição *fidelidade X liberdade*, pois sabemos que quase sempre é impossível ser fiel e traduzir literalmente uma palavra de uma língua para outra, e manter, ainda assim, seu sentido original. Por exemplo, um tradutor adepto ao conjunto "literal + dicionário" ao traduzir a expressão em japonês: *Hajimemashite, dōzo yoroshiku onegai itashimasu*, teria que desmembrá-la parte a parte, tendo como resultado algo do tipo: *hajimemashite* – derivação do verbo *hajimeru*, que significa iniciar, começar; *dōzo* = pois não, por favor; *yoroshiku* = lembranças; *o-negai* = desejo, pedido; *itashimasu* – variante polida de *suru* = fazer. Montar novamente este quebra-cabeça seria um desafio e tanto, quando na verdade a expressão é utilizada simplesmente com o sentido de "Muito prazer".

O tradutor que se propuser a fazer uma tradução como se fosse um original, tendo como conceito que uma tradução boa é aquela que reflete unicamente o autor, sofrerá, inevitavelmente, o seu apagamento e terá como consequência, o que Lawrence Venuti, em *The Translator's Invisibility* (1995), define como a *invisibilidade do tradutor*.

Venuti questiona até que ponto o tradutor consegue sobressair a fidelidade à liberdade em seu trabalho, pois mesmo não estando visível na maioria das vezes, o tradutor está presente ao longo de toda a tradução, já que toda tradução é precedida por uma interpretação, feita a partir da leitura do texto em sua origem. O tradutor, antes de qualquer coisa, é um leitor, e como tal, tem sua própria interpretação. "Interpretar não é traduzir, mas traduzir é interpretar" (ECO, 2007). De certo modo, é esperado que a tradução se assemelhe ao original, uma vez que esse é seu ponto de partida, mas a partir deste ocorre uma considerável transformação. Uma tradução nunca será igual ao texto de partida.

Sob o ponto de vista de Venuti, a fidelidade não pode ser vista como equivalência linguística, pois como o tradutor é obrigado a fazer escolhas interpretativas, a tradução torna-se uma *aproximação*, que vai além do original. Todavia, isto não significa que a tradução adquira total caráter de liberdade, pois a interpretação do tradutor é (de)limitada por um conhecimento da LF e pela assimilação de valores culturais na LA.

Para Venuti, o tradutor deve trazer o leitor próximo ao texto de

origem, ao invés de domesticar o original para que se torne acessível ao leitor. Desta forma, sugere a estratégia da estrangeirização – ou seja, que as traduções passem a ser lidas como tradução, com suas próprias peculiaridades –, como uma forma de resistência ao etnocentrismo. Desta maneira, alerta para a “necessidade de se reconhecer que qualquer tradução se baseia em um texto estrangeiro, que pertence a uma outra cultura e deve manter as suas marcas de origem” (CASTRO, 2007, p.102).

Finalizando o tema dicotomias, como parte dos inúmeros questionamentos que acompanham os ET, existe ainda a oposição *tradução voltada para a fonte X tradução voltada para o alvo*.

Até os anos 70, antes do reconhecimento dos estudos feitos por Itamar Even-Zohar e Gideon Toury, estudiosos partiam do pressuposto de que a tradução deveria ser vista unicamente como um produto derivado de um outro, tendo como referências somente os meios – língua e cultura – onde foi gerada, ou seja, o texto original.

Toury, a partir de então, para justificar e descrever os procedimentos do tradutor, propõe uma nova abordagem descritivista e orientada ao texto de chegada, direcionando seu foco ao sistema-alvo, ao que ele designou como *target oriented*. Este foco principal de abordagem é o que a difere da teoria normativa, com visão prescritiva, seguindo regras e normas sempre a partir da língua de chegada.

Sua proposta se caracteriza pela observação da tradução, primeiramente não no ponto de partida, mas sim no ponto de chegada, pois acredita que a necessidade da tradução é geralmente determinada pela cultura a qual se propõe. É esta cultura que impulsiona o processo tradutório. “As traduções são fatos das culturas alvo; ocasionalmente são fatos especiais, algumas vezes até constituem (sub)sistemas próprios, porém, em qualquer situação, são da cultura alvo” (TOURY, 1995, p.29, tradução da autora).

Assim sendo, para a perspectiva descritiva de Toury, que trabalha com o fato de que a tradução é “um tipo de atividade que, inevitavelmente, envolve pelo menos duas línguas e duas tradições culturais” (tradução da autora), fica claro que a tradução abrange mediação de culturas.

Os pesquisadores descritivistas se baseiam na suposição de que traduzir é uma atividade orientada por normas culturais e históricas. Toury, precursor destas normas², que constituem um suporte metodológico para

² As normas tradutórias aplicadas por Toury dividem-se em: *normas preliminares*, que regem a seleção dos textos a serem traduzidos e as estratégias globais adotadas para a sua realização e inserção no sistema-alvo; *normas iniciais*, mais ligadas às decisões tomadas pelo tradutor, e que determinam suas políticas e estratégias em função do lugar que a tradução pretende ocupar no sistema-alvo, tal como o grau de adequação e de aceitabilidade buscados, e; *normas operacionais*, referentes às decisões tradutórias, envolvendo a relação existente entre a tradução e o original. Estas dividem-se ainda em *normas matriciais*, que determinam os acréscimos, omissões, alterações e segmentações feitos com relação ao texto de partida, e *normas textuais*, que regem opções linguísticas e estilísticas (ALFARO DE CARVALHO, 2005).

o pesquisador, as define como “a tradução de idéias e valores gerais compartilhados por uma comunidade – com respeito ao que é certo e errado, adequado ou inadequado – em instruções de desempenho apropriadas e aplicáveis a situações específicas” (TOURY, 1995, p.55, tradução da autora).

Resumindo, trata-se de coerções socioculturais específicas de uma cultura, sociedade e época, referindo-se a uma categoria de análise descritiva dos padrões de comportamento adotados em todo processo de tradução. A noção de norma pressupõe que o tradutor se vê sempre diante da necessidade de tomar decisões, pois desempenha um papel social; exerce uma função determinada pela comunidade e precisa fazê-lo da maneira estabelecida por este grupo.

Toury utilizou-se desses pressupostos para demonstrar que a questão central da tradução está no equilíbrio entre *adequação* ao TF e a *aceitabilidade* no sistema-alvo, pois nenhuma tradução é totalmente adequada ou totalmente aceitável. Para o teórico, os desvios do TF tornam-se perceptíveis no sistema-alvo, e do mesmo modo, desvios do TA podem ocorrer devido a informações e formas introduzidas no sistema a partir da construção de textos por tradução.

Pelas palavras de Lawrence Venuti, em *Escândalos da Tradução* (2002), observa-se como as pesquisas de Gideon Toury ampliaram conceitos e revolucionaram os Estudos da Tradução:

Hoje a ênfase de Toury no alvo é compartilhada por qualquer acadêmico, ou tradutor que se refira à tradução de um modo geral. Seus conceitos e métodos de fato tornaram-se diretrizes básicas (mesmo quando não são explicitamente atribuídas a ele), pois elas tornam a tradução inteligível em termos linguísticos e culturais. Ao estudar a tradução, não se pode evitar a comparação entre os textos estrangeiros e traduzidos, buscando mudanças, inferindo normas, mesmo quando se sabe que todas essas operações não são mais do que interpretações limitadas pela cultura doméstica [...] (VENUTI, 2002, p.57)

O CONTEXTO DA INTERCULTURALIDADE

Em razão das evoluções das pesquisas acadêmico-científicas sobre aspectos ligados aos fenômenos de interculturalidade e suas relações com a tradução, torna-se possível afirmar que os universos disciplinares estão progressivamente convergindo. Uma explicação plausível, talvez seja o advento das redes de informação globais, que aproximaram sobremaneira os pesquisadores. À medida que os sistemas de comunicação e informação se desenvolvem e se tornam cada vez mais sofisticados, os laços entre áreas anexas e afins são otimizados. Assim, as distâncias entre as culturas, bem como a dificuldade de comunicação entre elas, têm se reduzido

substancialmente, excluindo os velhos estigmas dos “inalcançáveis e inatingíveis”. Nesta troca de informações, gradativamente rápida, com o propósito de intensificar contatos culturais, uma fato de grande relevância é imprescindível de ser aqui sublinhado, um aspecto que exerce a função de meio incontornável em inúmeras situações: a tradução.

O panorama do mundo atual respira o multiculturalismo. Essas pluralidades culturais estão de tal maneira institucionalizadas que, eventualmente, não são percebidas. Em várias situações cotidianas, há fatos que remetem a outras culturas. O simples ato de frequentar museus, livrarias e bibliotecas, ou até mesmo os deslocamentos turísticos nos transportam ao universo do transculturalismo. Inserindo-se dentro do contexto tradutório, emergem, então, aspectos de grande relevância a serem levados em consideração, tais como as ideologias sociais e históricas.

A reflexão sobre tais processos nos conduz, naturalmente, a questionar sobre o quanto podemos expressar de determinada cultura através de palavras. O quanto podemos compartilhar de uma cultura através de palavras geradas para responder às demandas de outra cultura? Enfim, no que consiste(m) a(s) cultura(s) e como traduzi-la(s)?

Seguindo a linha condutora de Toury, de que quando traduzimos uma língua, traduzimos também uma cultura, temos que levar em consideração diversos fatores de suma importância, como contextos sociais, históricos, políticos, religiosos, ou seja, valores, crenças e ideologias que fazem parte dessa cultura. “Como a língua, o que é essencial de uma cultura não é o enunciado que se comunica, mas aquilo que excede a comunicação” (BENJAMIN *apud* NERCOLINI & BORGES, 2003).

Mas, qual é então, o conceito de cultura e quanto conhecimento desta devemos ter? Para o etnologista americano Ward H. Goodenough, em sentido antropológico, o conceito de cultura pode ser tido como:

[...] a cultura de uma sociedade consiste de tudo o que precisamos saber ou em que precisamos acreditar a fim de agirmos de modo aceitável para os membros dessa sociedade, e a fim de, assim procedendo, desempenharmos um papel que eles aceitariam para qualquer um de si. A cultura, sendo aquilo que as pessoas têm de aprender por oposição à sua herança biológica, deve consistir do produto final da aprendizagem: conhecimento no sentido mais geral, ainda que relativo, do termo. Por esta definição, devemos observar que a cultura não é um fenômeno material; ela não consiste de coisas, pessoas, comportamentos ou emoções. Cultura é, antes, uma organização dessas coisas. Cultura são as formas das coisas que as pessoas têm na cabeça, os modelos que elas usam para perceber, relacionar e também para interpretar essas coisas. Assim, as coisas que as pessoas dizem ou fazem, seus acordos sociais e eventos, são produtos ou sub-produtos de sua cultura, à medida que elas os aplicam com vistas a perceber e a lidar com as circunstâncias. Para alguém que conhece a cultura dessas pessoas, essas coisas e eventos são, portanto,

sinais que significam formas ou modelos de cultura de que são a representação material [...] (GOODENOUGH *apud* AZENHA, 1999, p.28)

Dentro da perspectiva cultural, o processo transformativo da tradução não envolve apenas uma mudança em um contexto semiótico e interno, mas ocorre dentro de um contexto que deve ser concebido como social e externo. “Os determinantes sociais, ainda que externos ao texto traduzido, estão inscritos em sua materialidade.” (VENUTI, 1996, p.15).

Quando alguém se propõe a trabalhar com tradução, deve ser de seu conhecimento toda a bagagem que acompanhará o seu desenvolvimento linguístico no texto e contexto. Tendo como objetivo viabilizar a comunicação entre culturas, o tradutor não pode ser simplesmente um mediador entre duas línguas, ele deve se mostrar um especialista em comunicação intercultural. Nas palavras de Halliday e Hasan, um conceito amplo de cultura, que emoldura a situação de comunicação e co-determina a formação de sentido seria:

O contexto da situação, porém, é apenas o meio mais imediato. Existe também um pano de fundo mais amplo, sob o qual o texto tem de ser interpretado: o seu CONTEXTO DE CULTURA. Qualquer contexto real de situação [...], que deu origem ao texto, não é apenas uma mistura casual de características, mas um todo – um pacote, por assim dizer, de coisas cuja reunião é típica para a cultura em questão. As pessoas fazem tais coisas, em tais ocasiões e atribuem tais valores a elas: é isto o que é a cultura (HALLIDAY & HASAN, *apud* AZENHA, 1999, p.29).

Definitivamente, não há fronteira estanque possível entre a tradução e o tradutor. Vários fatores são levados em consideração no processo tradutório, como por exemplo: para quem se traduz, qual cultura visada, em que tempo e, até mesmo, para qual mercado editorial. “A atividade de tradução se caracteriza como um trabalho de equipe, em que se dividem responsabilidades e se conciliam interesses, muitas vezes conflitantes, em função de um objetivo comum” (AZENHA, 1999, p.94).

Como aventamos anteriormente, a tradução tem sido foco de diversos estudos por sua inerente complexidade. E como parte essencial da comunicação, a metáfora sempre foi amplamente discutida dentro dos ET, principalmente no que diz respeito aos métodos de tradução, já que emerge como um elemento de natureza linguística que exige atenção especial por parte dos tradutores.

A opção em voltar o olhar para a metáfora, em caráter exemplificativo, se justifica, principalmente, em razão do complexo invólucro que esconde suas subtilidades, colocando-a diante do tradutor, de modo concomitante, como um recurso extraordinário, que pode tanto

simplificar, como tornar altamente complexos os processos de tradução ou de simples interpretação por parte do leitor.

A METÁFORA E A TRADUÇÃO

A metáfora, até meados do século XX, foi considerada como simples figura de estilo. Conceituada, sob perspectiva retórica, como a arte de persuadir os ouvintes mediante o uso de um discurso primoroso. Relacionada basicamente à linguagem literária ou poética, acreditava-se que não passava de um adorno linguístico sem função contextual, desprovida de valor cognitivo. Era uma linguagem figurada, associada à imaginação e contrária ao que seria a linguagem das verdades científicas e filosóficas: a linguagem literal.

Hoje, sabe-se que a metáfora está na base de muitos enunciados sobre a linguagem, tratando-se de um mecanismo linguístico indispensável: isto é, uma operação cognitiva fundamental, constitutiva da linguagem e do pensamento, presente em toda ação do processo de comunicação entre as pessoas. Sua interpretação exige uma atenção maior, que envolve não só a capacidade de interpretação, como também o desenvolvimento do raciocínio analógico.

Para George Lakoff e Mark Johnson, em *Metáforas da Vida Cotidiana* (2002), os processos do pensamento humano, bem como a linguagem, são amplamente metafóricos, estando a metáfora presente por toda parte. Por isso, só é possível entender uma metáfora em um enunciado devido ao fato desta fazer parte do sistema conceitual³ amplo, que por sua vez é evidenciado por meio da linguagem. Estes estudiosos defendem que a metáfora não se restringe à linguagem literária, estando presente em nosso discurso diário. Para eles, “nosso sistema conceptual ordinário, em termos do qual não só pensamos, mas também agimos, é fundamentalmente metafórico por natureza” (LAKOFF & JOHNSON, 2002, p.45).

Podemos dizer que as metáforas são formas de expressar idéias que dificilmente seriam expressas literalmente. “Em termos mais específicos, a metáfora pode ser vista como um processo cognitivo por meio do qual o locutor utiliza a denominação de um elemento pertencente a um domínio conceitual para referir-se a outro elemento pertencente a um domínio distinto do primeiro [...]” (GRIMM-CABRAL *apud* CARVALHO & SOUZA 2003, p.32). Assim, o que temos é a criação de uma maneira de compreender o primeiro elemento, que transfere para si características

³ No livro, originalmente intitulado *Metaphors we live by* (1980), Lakoff e Johnson expõem três diferentes tipos de metáforas conceituais: as *estruturais* – quando um conceito é estruturado metaforicamente em termos de outro; as *orientacionais* – aquelas que se relacionam com a orientação espacial; e as *ontológicas* – que surgem a partir de nossas experiências com objetos físicos e nos permitem conceber coisas abstratas como entidades e substâncias.

do segundo, e estas características passam a ser elementos constitutivos de nossa visão sobre aquele assunto. A verdadeira construção metafórica foge à relação usual que existe entre imagem e conceito. É preciso que a palavra seja deslocada de sua significação literal. Feito isso, coloca-se a palavra dentro do contexto do sistema de conotações que a envolvem, para então, dar-lhe o significado metafórico mais adequado à situação.

Uma das características da metáfora é o ato de revelar, ao mesmo tempo em que oculta a mensagem transmitida. Outra, é a de parcialidade, delegando, assim, ao receptor, a interpretação da mensagem. Seu objetivo é, portanto, criar uma ilusão ao apresentar uma determinada situação sob um aspecto novo.

[...] *a metáfora é um eclipse solar. Ela esconde o objeto de estudo e, ao mesmo tempo, revela algumas de suas características mais salientes e interessantes, quando vista através do telescópio adequado.* (PAIVIO e WALSH *apud* SOUZA 2004, p.53).

Ou seja, as metáforas podem adotar várias formas, dependendo do efeito que se deseja, do conteúdo que se quer transmitir e, principalmente, do interlocutor a que se destinam.

Destarte, fazer uso de metáforas implica correr alguns riscos, pois não se tem controle de sua compreensão pelo leitor. Não há garantias de que a mensagem será interpretada exatamente como foi intencionalmente proposta, tendo em vista sua característica de algo incompleto. Justamente por isso, carregam as chamadas “interpretações hipotéticas”, instigando à reflexão, por vezes, bastante profunda.

E, se não há garantias de compreensão destas em nossa própria língua materna, quando se trabalha com a tradução de metáforas para um idioma distinto do nosso, tem-se então a dificuldade tradutória ampliada, ou seja: a compreensão da metáfora em si, somada à tradução de base. Supõe-se que nem sempre esta tradução seja satisfatória ou possível.

Como soluções alternativas à proposta de reproduzir a metáfora, diversos procedimentos de tradução são apresentados, como é o caso, por exemplo, das possibilidades adotadas sob a perspectiva descritiva (VAN DEN BROECK *apud* SCHÄFFNER, 2004, p.1256), que seriam: a tradução *stricto sensu* – ou a tradução literal – que consiste em transferir o tópico e o veículo do texto-fonte (TF) para o texto-alvo (TA); a substituição – na qual se faz a opção por alguma outra metáfora com sentido similar e; a paráfrase – a qual sugere a tradução da metáfora na LF por uma expressão não necessariamente metafórica na LA.

Já Toury (1995), contrariando a maioria dos estudiosos que tratam dos problemas da tradução de metáforas – incluindo van den Broeck –, leva em consideração não somente as metáforas no texto fonte, mas

também as que estão presentes no texto alvo. Em virtude disso, complementando o modelo de van den Broeck, o autor sugere a adição de mais três possibilidades de tradução, que são: a omissão da metáfora – que exclui no TA uma metáfora utilizada no TF; a não metáfora em metáfora – que adiciona uma expressão metafórica onde não havia uma; e a inserção de metáfora – semelhante a anterior, que também adiciona uma metáfora no TA, porém sem que tenha havido qualquer motivação linguística no TF (KOGLIN, 2008). A proposta de complementação apresentada por Toury, sem dúvida, amplia o escopo para descrição da tradução de metáforas.

A tradução de metáforas mostra-se como uma atividade de grande complexidade, pois estas transcendem barreiras culturais. Elementos linguísticos e culturais estão intrinsecamente ligados, e por isso a metáfora traduzida só será compreendida pelo público-alvo se for considerado o seu contexto cultural, ou se o tradutor encontrar meios para propor equivalências adequadas. “O fenômeno da metáfora frequentemente tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos da tradução, que discutem sobre os problemas de se transferir metáforas de uma língua e cultura para outra”. (SCHÄFFNER, 2004, p.1254, tradução da autora).

Lakoff e Johnson (2002) apontam que nossos pensamentos e ações são regidos por metáforas, e que estas são uma forma de compreender o mundo, nossa cultura e nós mesmos. E estes valores individuais, se considerados particularidades culturais, podem interferir nos conceitos metafóricos e em expressões linguísticas criadas a partir destes. Consequentemente, o resultado seria a obtenção de diferentes significados, decorrente da variação cultural inculcada na individualidade de cada cultura.

Cada cultura é única e apresenta suas próprias idiossincrasias. Logo, cada cultura tende a estruturar suas próprias formas de pensar e agir. Por isso, o fator cultural é de grande importância na criação e na manutenção das metáforas que estruturam o pensamento humano.

Diferenças culturais entre LF e LA são frequentemente mencionadas como problemas para a tradução de metáforas. Ao tradutor, cabe a responsabilidade da escolha a se fazer – seja pela tradução literal, pela substituição por uma metáfora correspondente, pela paráfrase, ou por qualquer outra opção.

Quando se trabalha com tradução, é primordial o conhecimento do público alvo e o objetivo ao qual esta se destina, para que se saiba como lidar com conteúdos que não são ditos, mas são subentendidos. Traduzir é uma via de mão-dupla. São idas e vindas que se fazem entre a origem e o processo final, onde o interlocutor destinatário é parte fundamental na interpretação da mensagem metafórica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, tendo como base a perspectiva descritivista de tradução e a visão antropológica de cultura, buscou versar sobre elementos básicos e fundamentais envolvidos na atividade tradutória, com ênfase no contexto intercultural. Sob a ótica da teoria cognitivista, adotou-se como exemplo das inúmeras dificuldades que permeiam o processo tradutório, a tradução de expressões metafóricas, já que estas se tratam de recursos linguísticos que exigem especial atenção por parte dos tradutores, devido à sua natureza complexa.

Foi possível perceber que, para a tomada de decisões envolvidas na tradução, vários caminhos podem ser traçados dentro dos Estudos da Tradução. Caminhos que não podem ser tomados como *corretos* ou *incorretos*, pois não há uma maneira única de se fazer uma tradução. O que existem são problemas que permeiam esse processo, e o que se deve é procurar/encontrar soluções para estes.

Tendo abordado alguns conceitos de cultura, podemos afirmar que a questão cultural envolve a base da tradução de metáforas. Observamos, igualmente, que língua e cultura são indissociáveis, logo, o trabalho do tradutor se desenvolverá não somente na esfera linguística, mas também sob aspectos culturais, tanto na cultura-fonte, como na cultura-alvo. Deste modo, o trajeto de criação, percepção e compreensão de um enunciado metafórico tomará como base a experiência individual de cada um dos integrantes da tríade – autor-tradutor-leitor –, considerando-se seus contextos sócio-culturais.

Se a cultura nos permite intuir, reconhecer, experimentar ou investigar os hábitos linguísticos e extra-linguísticos, as idiosincrasias e os mecanismos inconscientes que podem estar nas entrelinhas da produção e recepção do texto de origem e do texto de destino, fica fácil concluir que um tradutor “sem cultura” terá dificuldades para desempenhar o seu papel (GRAÇA, 2002).

Para o sucesso de uma tradução, naturalmente esta deve ultrapassar a literalidade, isto é, a simples equivalência de palavras. Para tanto, faz-se necessário que o tradutor tenha amplo domínio cultural das línguas – e culturas – envolvidas, além de uma habilidade linguística que o capacite a expressar idéias, sem, entretanto, transgredir a poética da língua em que a obra foi gerada. Com isso, percebe-se que o tradutor não realiza, jamais, trabalho puramente técnico. A tradução, por sua vez, exerce o papel de ferramenta intercultural, possibilitando aproximação entre culturas. “A tradução, como qualquer escrita, é geralmente praticada em condições solitárias. Mas ela liga multidões, frequentemente nos grupos mais inesperados” (VENUTI, 2002, p.15).

Finalizando, reproduzo um primoroso conceito metafórico de

tradução, de Marina Tsvetaieva, em citação através de Berman:

Hoje desejo que Rilke fale através de mim. Na linguagem corrente, isto se chama traduzir. [...] Mas a tradução significa também outra coisa. Não se passar somente de uma língua a outra língua (o russo, por exemplo), passa-se também de um lado ao outro do rio. Faço passar Rilke em língua russa, assim como ele me fará passar um dia a outro universo (TSVETAIEVA apud Berman, 2007, p.23).

REFERÊNCIAS:

- ALFARO DE CARVALHO, C. *A tradução para legendas: dos polissistemas à singularidade do tradutor*. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, p.29-54, 2005.
- AZENHA, J. J. *Tradução técnica e condicionantes culturais: primeiros passos para um estudo integrado*. São Paulo: Humanitas - FFLCH/USP, 1999.
- BERMAN, A. *A tradução e a letra ou o albergue do longínquo*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007. Tradução de Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andréia Guerini.
- CARVALHO, M. B. & SOUZA, A. C. "As metáforas e sua relevância no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira". In: *Fragmentos*, nº. 24, p.29-44, 2003.
- CASTRO, M. S. *Tradução ética e subversão: desafios práticos e teóricos*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, p.91-103, 2007.
- ECO, U. *Quase a mesma coisa*. 1ª. ed., Rio de Janeiro: Record, 2007. Tradução de Eliana Aguiar.
- GRAÇA, A. *Cultura, tradução e vivência do significado* – Secção de Estudos Alemães/FCSH – Universidade Nova de Lisboa, 2002. Disponível em: <http://www.fcsb.unl.pt/deps/estudosalemaes/Pubs/P_Aires_Graca_06_Nov_2002.asp> Acesso em: 02/11/2008.
- HIRANO, C. *Eight Ways to Say You: The Challenges of Translation*. In Gillian Lathey (Ed.), *The Translation of Children's Literature – A Reader*. Bristol, UK: Multilingual Matters, p.225-231, 2006.
- JAKOBSON, R. "Aspectos Linguísticos da Tradução". In: *Linguística e Comunicação* (p. 63-72). São Paulo: Cultrix, 1969. Tradução de Izidoro Blikstein e José Paulo Paes.
- KOGLIN, A. *A tradução de metáforas gerados de humor na série televisiva "Friends": um estudo de legendas*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, p. 29-43, 2008.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Metáforas da Vida Cotidiana*. 1ª ed. Campinas, SP: Mercado das Letras; São Paulo: Educ, 2002. Tradução do Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM) sob coordenação de Mara Sophia Zanotto e pela tradutora Vera Maluf.

- OLIVEIRA, S. M. *Legendação de metáforas: um estudo empírico-experimental com base no filme "La Lengua de las Mariposas"*. Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, p. 21-24, 2008.
- ORGADO, G. T. M. "A comunicação através da metáfora do conduto: transmissão versus interpretação da mensagem". In: *Revista Scientia Traductionis*, nº 6 - PGET/CCE – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2008.
- PAGANINE, C. "Tradução e interpretação: uma perspectiva hermenêutica". In: *Revista Scientia Traductionis*, nº 3 - PGET/CCE – Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, 2006.
- SCHÄFFNER, C. "Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach". In: *Journal of Pragmatics*, v. 36, p.1253-1269, 2004.
- SOUZA, A. C. *Leitura, Metáfora e Memória de Trabalho: três eixos imbricados*. Tese (Doutorado) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, p.51-64, 2004.
- STEINER, G. *Depois de Babel: questões de linguagem e tradução*. Curitiba: UFPR, 2005. Tradução de Carlos Alberto Faraco.
- TOURY, G. *Descriptive Translation Studies and Beyond*. Amsterdam: Benjamin, 1995.
- VENUTI, L. *The Translator's Invisibility*. London: Routledge, 1995.
- _____. "A invisibilidade do tradutor". (p.111-134). In: *Revista Palavra*, 3 – Dptº Letras – PUC/RJ, 1996. Tradução de Carolina Alfaro. Revisão técnica de Paulo Henriques Britto e Maria Paula Frota.
- _____. *Escândalos da Tradução*. Bauru, SP: EDUSC, 2002. Tradução de Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo.